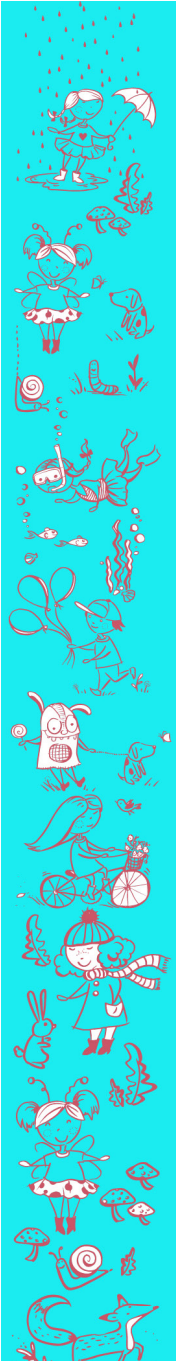
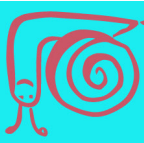
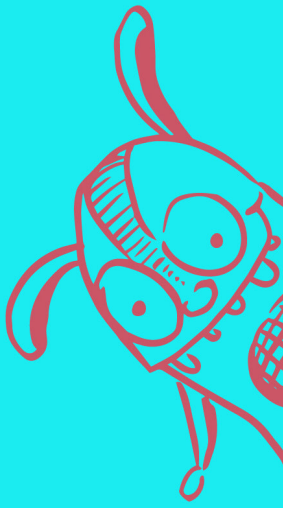




Fernanda Bertoncello Boff (Org.)

PEQUENICES
Dança, corpo e educação



Ilustrações:
Anderson Luiz de Souza

Convidados:

Airton Tomazzoni
Diego Esteves
Jorge Alencar
Josiane Franken Corrêa
Karenina de los Santos
Luciana Paludo
Neto Machado
Renata Sperrhake
Wagner Ferraz

CANTO cultura e arte
PEQUENICES

Fernanda Bertoncello Boff (Org.)

Pequenices:
Dança, corpo e educação

1ª Edição

Porto Alegre
CANTO - Cultura e Arte
2017

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES funarte
MINISTÉRIO DA CULTURA
BRASIL GOVERNO FEDERAL
ORDEM E PROGRESSO

Este projeto foi contemplado com o Prêmio Funarte de Dança Klauss Vianna 2014

Copyrigth @ 2017 Fernanda Bertoncello Boff (Org.)

Organização:
Fernanda Bertoncello Boff

Projeto Editorial:
Processo C3 - Wagner Ferraz - Estudos do Corpo

Projeto Gráfico e Layout:
Jessica Krahl
Wagner Ferraz - Processo C3

Criação e arte da capa:
Anderson Luiz de Souza

Imagens da Capa e demais ilustrações:
Anderson Luiz de Souza

Diagramação:
Jessica Krahl

Revisão de texto:
Fernanda Bertoncello Boff

Coordenação Editorial - Editores:
Wagner Ferraz e Diego Esteves

Editora:
Canto - Cultura e Arte

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P425

Pequenices : dança, corpo, e educação / Organização Fernanda Bertoncello Boff – Porto Alegre : Canto-Cultura e Arte, 2017.

59 p.
Ilustrações: Anderson Luiz de Souza.
Convidados: Airton Tomazzoni, Diego Esteves, Jorge Alencar, Josiane Franken Corrêa, Karenina de los Santos, Luciana Paludo, Neto Machado, Renata Sperrhake, Wagner Ferraz.
ISBN 978-85-69802-05-1

1. DANÇA CONTEMPORÂNEA. 2. DANÇAS PARA CRIANÇAS. I. Boff, Fernanda Bertoncello.

CDU 793.3
CDD 793

Bibliotecária responsável
Catherine da Silva Cunha
CRB 10/1961

Porto Alegre - 2017
CANTO - Cultura e Arte - www.canto.art.br
www.pequenices.art.br

CANTO - Cultura e Arte

A "CANTO – Cultura e Arte" foi criada em 2010, a partir das experiências e demandas do "NECITRA – Núcleo de Experimentações Cênicas e Transversalidades", se focando na produção artística. Atualmente possui registro editorial possibilitando publicar livros, periódicos e diferentes textos em formato impresso, impresso sob demanda, e-book e também disponibilizar arquivos em formato "pdf" para download gratuito, como produções textuais diversas e pesquisas de seus parceiros, convidados e demais interessados. Os temas publicados variam dentro dos campos das Artes e Educação, destacando as artes da cena (dança, circo, teatro, performance...), artes visuais, fotografia, produção cultural e moda atravessadas por perspectivas poéticas, histórias, filosóficas, políticas, culturais... Os projetos desenvolvidos estão sob a Coordenação Editorial de Wagner Ferraz e Diego Esteves e o projeto editorial desenvolvido pelo Processo C3.

processo C3 www.processoc3.com · Estudos do CORPO · CANTO cultura e arte

SUMÁRIO

PRIMEIROS MOVIMENTOS

PREFÁCIO 1 10
Luciana Paludo

PREFÁCIO 2 13
Josiane Franken Corrêa

PREFÁCIO 3 15
Renata Sperrhake

APRESENTAÇÃO
PROJETO PEQUENICES: DANÇA CONTEMPORÂNEA
PARA CRIANÇAS 17
Fernanda Bertoncello Boff

PEQUENOS TEXTOS
Fernanda Bertoncello Boff

CONHECI A MANU 20
O FUTURO COMO EMERGÊNCIA DE FABULAÇÃO 22
DO VERBO CRIANÇAR 24
DANÇA CONTEMPORÂNEA??? 26
QUE PERGUNTA É ESSA? 28

CRIANÇANDO
Fernanda Bertoncello Boff

ATIVIDADE 01: PEGA-PEGA DANÇANTE 32
ATIVIDADE 02: PARTES E DOBRAS 32
ATIVIDADE 03: LUZ, DANÇA E AÇÃO 33
ATIVIDADE 04: CORRENTE ELÉTRICA 34
ATIVIDADE 05: BALSA MARÍTIMA 34
ATIVIDADE 06: VIDEOGAME 35
ATIVIDADE 07: DANÇAR E DESENHAR NO ESPAÇO 35
ATIVIDADE 08: PORTAL DO TEMPO 36
ATIVIDADE 09: MÁQUINA DE TELETRANSPORTE 37
ATIVIDADE 10: DESAFIOS DANÇANTES 37

CONVIDADOS

DANÇA PARA CRIANÇAS OU JOGO DOS SETE ERROS? 40
Airton Tomazzoni

INFÂNCIA E DANÇA: UM JOGRAL-MANIFESTO 44
Jorge Alencar e Neto Machado

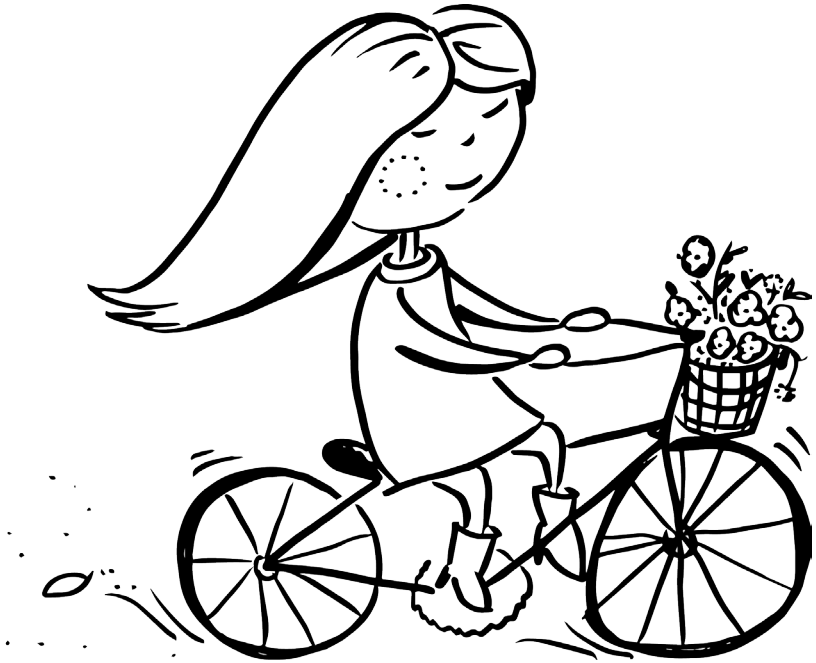
DANÇAS QUE NÃO EXISTEM: QUE AULA É ESSA? 46
Karenina de los Santos

BOBEBOU DANÇOU: SOBRE EDUCAÇÃO, CRIAÇÃO, RISO
E RESISTÊNCIA 48
Diego Esteves

DANÇA CONTEMPORÂNEA PARA CRIANÇAS:
UMA POTÊNCIA DE AGIR CRIANCEIRA 5
Wagner Ferraz

CURRÍCULOS

Autores..... 54



PRIMEIROS Movimentos

Prefácio I

Luciana Paludo

"É um trajeto sem destino certo,
mas com um objetivo: a fabulação".

Resolvi começar o prefácio deste livro com uma frase da Fernanda [a quem irei chamar de Fer], que está na página 12, quando ela apresenta o Projeto Pequenices: Dança contemporânea para crianças. Escolhi a frase porque nela consta a palavra fabulação. E também porque achei bonito ler um trajeto sem destino certo... E, no jogo de sentidos que a mente brincalhona inventa, encontrei a intenção na palavra objetivo. E aqui fecho a pequena frase do início em uma forma circular.

O livro da Fer é uma riqueza, porque ela inventa muitas coisas; ela inventa nomes para as coisas. E sabe por que fiquei feliz com isso? Porque eu sempre gostei de inventar nomes para as coisas e de ampliar o tamanho das palavras para fazer caber mais sentidos dentro delas... Agora lembrei de um outro livro: "A espécie Fabuladora", de uma escritora chamada Nancy Huston. Ela vai dizer, lá na página 30 de seu livro, que atribuir nomes é uma magia. E que

> A linguagem ordena a nossa experiência, permite que a gente se comunique. Enquanto as nossas definições coincidirem, a gente se entende e tudo funciona. A linguagem ordena. Mas esquecemos muitas vezes: ordem não é sinônimo de verdade. Nos humanos, nenhuma verdade é evidente. Todas elas são construídas por intermédio das ficções (HUSTON, 2010, p. 30).

Nancy, a autora que escreveu o pedacinho de texto citato no início deste, também diz que nós, os seres humanos, somos *contadores de histórias inveterados*. Somos fabuladores! Mas, às vezes, o que acontece quando os seres humanos são crianças é que eles não ficam sabendo disso – e, o mais triste: às vezes passam a vida inteira sem saber disso. E isso é triste porque, ao não saber que podemos contar, criar e inventar histórias, acabamos por não contar, nem criar e nem inventar – nem histórias e, que dirá, danças! [*Ops*, inventar danças?!]

Eis que, em uma tarde de domingo, começo a ler o livro da *Fer* para escrever este pequeno texto introdutório. Imediatamente começo a ficar feliz. Por quê? Porque ao ler as histórias da *Fer* – no jeito que ela inventa de organizar as palavras - vi a possibilidade de tudo aquilo que ela fez e escreveu ser algo para autorizar o *ser humano criança* a inventar, a fabular, a dançar... Fabular com a palavra, com o corpo, com o movimento; fazer tudo aquilo virar dança. Dança contemporânea! E alguns incrédulos poderão dizer: "o que, como assim, dança contemporânea para crianças?". E aqui o tema se expandiria para muitas páginas, as quais eu não irei dar conta, pois estou escrevendo um prefácio.

No decorrer da minha vida estive com muitos *seres humanos crianças*... Só o meu corpo gerou 3 seres humanos: meus queridos filhos, que hoje já não são mais crianças. Pude ter o privilégio de observar eles inventarem muitas coisas, principalmente porque tiveram oportunidades para isso. Também tive a felicidade de brincar junto, de inventar junto e de aprender muito com eles. Por isso, cada vez que vejo que mais crianças têm ou terão a oportunidade de inventar, fico muito feliz. E, por isso também, fico feliz com as *Pequenices* da Fernanda. Essas pequenices são coisas muito grandes, sabiam? Porque elas abrem dimensões gigantescas na imaginação das crianças. E fico pensando que, uma vez que as crianças saibam que têm essa capacidade, há uma grande possibilidade de elas jamais esquecerem disso quando crescerem. E então, provavelmente, serão adolescentes, adultos, velhinhos inventores e fabuladores.

A *Fer* foi minha aluna na faculdade [de Dança] e ela sempre foi muito inventora nas aulas. E eu pensava: ela deve ter sido uma criança muito criativa... Hoje eu a vejo inventando este

projeto e este livro. Imaginem a minha felicidade!

Então, convido a todos para, a partir das palavras da *Fer* neste livro, se imaginarem brincando... E, por que não, se autorizarem a brincar, a inventar, a dançar, a bagunçar... Não se preocupem, porque depois, inevitavelmente, ordenamos as coisas novamente. E, sempre digo que uma boa bagunça desacomoda, espalha; move o pó das coisas... Para que tenhamos o trabalho e a graça de reordenar, de arrumar de maneira diferente e de construir sentidos para as nossas palavras e a nossa existência.

Porto Alegre, 29 de janeiro de 2017.

Prefácio II

Josiane Franken Corrêa

"Por que criança não é verbo se criança é movimento?"

Fiquei intrigada com esta questão da Fernanda. Não é que faz todo o sentido? Criançar! Vou dizer uma coisa: só deveria professorar aqueles que conseguem manter acordada a capacidade de criançar.

Além disso, seria divertido criançar em todos os momentos do dia.

...de vez em quando, um beliscão!

É... não dá pra deixar adormecer, tem que dar uns pulinhos, cutucar, fazer cócegas! De algum modo a gente faz a criança parar de se esconder.

É por isso que a Fernanda diz que não é a profissão que define a sua relação com os(as) pequenos(as). É estar em estado de criançar!

Ah, isso sim faz ela se reconhecer como professora!

E se ela não sabe, ela inventa!

E ao se manter criançando, ela convive com a errância inevitável do caminho da aprendizagem. Não há como ter certeza da parada em que vai chegar. Tudo vai depender dos(as) passageiros(as) que, hoje, também podem escolher destinos para encontrar.

É um pouco sobre isso que esse livro conta. Sobre uma viagem fabulada-inventada-dançada pela Fernanda, suas crianças e seus(suas) companheiros(as) estradeiros(as).

Ele contém:

01 visão contemporânea de dança

01 convite para criançar

01 estrada da fabulação com caminhos inimagináveis

01 veículo inventado
01 apresentação de Fernanda Boff
01 introdução do pequenices
05 pequenos textos por Fernanda Boff
10 atividades que a professora Fernanda já experimentou (*destaque para o "já experimentou"*)
01 proposta de jogo; criação original de Airton Tomazzoni
01 jogral-manifesto de Jorge Alencar e Neto Machado
01 especulação de uma dança que não existe, assinado por Karenina de los Santos
01 (des)orientação para resistir; de Diego Esteves
01 devir discussão do Wagner Ferraz.

Manual de instruções (*mentira, cada um usa como quiser... mas, se ler com cuidado, poderá até descobrir segredos que só os crianceiros sabem*).

E é por não me dar por vencida, acreditando em uma dança jogada e numa educação inventiva, que eu te convido à leitura deste pequeno-grande livro.

Também, porque aprendi que a dança precisa mais da criança do que a criança da dança.

A criança, mesmo em um ambiente opressor, imagina um mundo de invenções, brinca de fazer de conta e de que tudo é possível. A dança, sem a criatividade crianceira, não existe.

A dança, se não tiver um espírito de criança, é porque não é dança.

Bons sonhos, boa leitura, boa viagem!

Pelotas, 24 de janeiro de 2017

Prefácio III

Renata Sperrhake

"Por que criança não é verbo se criança é movimento?"

Essa pergunta feita por Fernanda Boff no presente livro fez com que eu pensasse nas minhas alunas e nas aulas de dança que, durante 10 anos, ministrei. Dessas aulas surgiram registros de diálogos entre a professora (eu) e as alunas, alguns dos quais trago a seguir para ajudar no meu argumento de que a aula de dança para crianças é muito mais do que dança no sentido estrito: passos, contagem, exercícios, coreografias.

Eu: gurias.. agora o pulo do lago.. e aqui é o lago (colocando uma folha de E.V.A azul no chão).. não pode pisar..
Aluna: é.. né que não pode pisar porque senão molha a meia e o sapo pega o pé?
Eu: ãh.. é, é isso mesmo!
Aluna: tá.. a gente já entendeu, agora vai lá e coloca a música.
(fiquei olhando pra elas..)
Aluna: vai profi.. vai.. coloca a música! faz a tua parte!

"Dança" e "criança" não rimam à toa. Rimam porque combinam. E combinam por envolverem, de maneira pulsante, corpo e movimento. Mas não apenas isso. Combinam por movimentarem a vida. Dar aulas de dança para crianças significa mobilizar a vida e a infância para causar movimentos. Dar aulas de dança para crianças significa mobilizar afetos para causar movimentos.

Eu: gurias.. vamos sentar na rodinha..
Aluna1: Deixa eu sentar do teu lado hoje?

Aluna2: E eu também?
Aluna1: Mas hoje só tem nós duas! Dá pra sentar uma de cada lado da Renata.
Aluna2: É.. ela só tem duas pernas..
Aluna1: Isso! (falando tri empolgada!)
Aluna2: Mas daí no dia que vem todo mundo a Renata tinha que ser que nem aquele bicho do mar.. o polvo! Pra ter lugar pra todo mundo!

Em uma aula de dança, pedaços de vida "real" são mesclados a paisagens, a cenários, a situações "de faz de conta", compondo, pela narrativa criada, um imaginário no qual o movimento se desenvolve.

[Durante uma atividade de "estátua"]
Aluna: Profi, tu sabia que no centro da cidade tem uma estátua que se mexe se tu dá dinheiro?
Eu: É mesmo?
Aluna: Sim. É um humano pintado com cor de estátua que sabe ficar parado muito bem.

Aulas de dança para crianças só podem ser *criançadas* e *criançantes*, não pelo sujeito que envolve, mas pela forma como, necessariamente, fazem dançar e movimentar a vida.

Porto Alegre, 26 de janeiro de 2017.

Apresentação

PROJETO
PEQUENICES: DANÇA CONTEMPORÂNEA PARA CRIANÇAS

Fernanda Bertoncello Boff

"Pois arte é infância. Arte significa não saber que o mundo já é, e fazer um. Não destruir nada que se encontra, mas simplesmente não achar nada pronto. Nada mais que possibilidades. Nada mais que desejos. E, de repente, ser realização, ser verão, ter sol. Sem que se fale disso, involuntariamente. Nunca ter terminado, nunca ter o sétimo dia.
Nunca ver que tudo é bom.
Insatisfação é juventude".
Reiner Maria Rilke
(Cartas do Poeta Sobre a Vida)

Contemplado pelo Prêmio Funarte Klauss Vianna de Dança 2014, o projeto **"Pequenices"** inclui diversas ações acerca da dança contemporânea e da infância, entre elas esta publicação. No intuito de compartilhar meu processo e minhas experimentações no campo da dança voltada para crianças, nasce a cartilha/livro *Pequenices: Dança, corpo e educação* que reúne não somente textos de minha autoria e atividades realizadas com as crianças em nossos encontros de dança, mas também textos de alguns convidados que fazem parte desta proposta.

O projeto culmina na criação de uma peça de dança solo, voltada para o público infantil: uma peça que acontece no corpo das crianças e que toma coreografia como modo de

organização para orientar/compor a partir de dispositivos como a fala, por exemplo. O trabalho acontece em um percurso, uma jornada guiada através de um veículo inventado. É um trajeto sem destino certo, mas com um objetivo: a fabulação. Uma aventura dançada que parte da criatividade e imaginação das crianças, ali presentes, para acontecer: cada apresentação é única e irrepetível.

Ficha técnica:
Concepção, criação e interpretação: Fernanda Bertoncello Boff
Orientação Residência artística: Jorge Alencar e Neto Machado
Orientação Cênica: Diego Esteves
Provocação: Karenina de los Santos e Wagner Ferraz
Colaboração: Airton Tomazzoni
Preparação corporal: Douglas Jung
Iluminação: Gabriel Martins e Luís Cocolichio
Trilha sonora: Bruno Angelo e Andrea López
Figurino: Anderson Luiz de Souza
Cenário: Natália Bandeira e Luís Cocolichio
Organização da publicação: Wagner Ferraz
Design: Carol Rosa
Produção: Fernanda Bertoncello Boff e Karenina de los Santos
Realização: NECITRA - Núcleo de Experimentações Cênicas e Transversalidades

Para saber mais sobre o projeto, acesse: www.pequenices.art.br

Curta a nossa página: www.facebook.com/pequenices.arte.infancia/

PE QUE NOS

TEXTOS

Conhecer

Conheci a Manu

Fernanda Bertoncello Boff

Nas férias, eu conheci a Manu. Simpática que só. A gente se deu "Bom dia!" no café da manhã da pousada... Foi a porta de entrada para um longo e bom papo. Ali, aqueles minutos que compartilhamos na nossa primeira refeição do dia, foram suficientes para a gente descobrir que tínhamos muitas coisas em comum, como, por exemplo, a paixão pela praia, pela dança e pelos animais. Ela me contou como estava aproveitando os dias por lá e sobre seu dilema do momento: "ainda não sei se vou de biquíni ou maiô hoje para a beira..." Mas o maiô que ela estava usando era lindo demais, sugeri que não trocasse. Voltando para os nossos quartos, ainda, nesse caminho, deu tempo de ela me ensinar um lindo movimento de dança que sabia, de socorrermos um gafanhoto machucado e de combinarmos de nos encontrar mais tarde junto ao mar.

Pronto, já havíamos conquistado uma amizade.

A avó da Manu, que acompanhava nossa conversa de longe, não se conteve e precisou me perguntar: "tu é professora?" Eu, estufando o peito de orgulho, respondi: "sou sim." – Aaah, é claro, eu esqueci de explicar para vocês esse detalhe, a Manu, minha melhor amiga do verão, tem 4 anos. – Sim, sim, sou professora. E minha primeira reação foi essa mesmo... Nossa, que legal ela perceber!!!

No entanto, logo em seguida, essa situação me colocou a pensar. Eu não estava dando aula no café da manhã, eu estava, da forma mais singela, trocando uma ideia com a Manu. O que fez ela acreditar que esse era então meu ofício? Num mundo que, em geral, divide – e discrimina – as pessoas pela sua idade, quer dizer que o interesse de um adulto por uma criança é apenas "científico"? Pena pensar que para uma grande parcela a resposta pode ser sim.

Ser professora não constitui meu modo de me relacionar com xs pequenxs. Meu modo de me relacionar com xs pequenxs é que constitui o meu fazer professoral.

Fabular

O Futuro como emergência de fabulação

Fernanda Bertoncello Boff

Falar sobre o futuro é falar sobre o que não se sabe.

Falar sobre o que se espera? Deseja? Projeta? Pensar no que vem depois do agora pode ser um simples exercício de traçar rotas para atingir objetivos. Pode. Mas.

Futuro que criança vê é emergência para a fabulação.

Falar sobre o futuro é falar sobre o que não se sabe. É falar sobre possibilidades.

Falar sobre o futuro é falar sobre o que não se sabe. E, se eu não sei, eu invento.

Vai ser quando os robôs dominarem a Terra, e os humanos nem vão mandar em mais nada. Não, quando os ET's invadirem o planeta. Vai vir um meteoro. Já seremos fantasmas. Ou múmias. É, múmias. E se tiverem zumbis? Não, já estaremos vivendo em um universo paralelo. Eu acho que a gente vai morrer e vai para um céu cheio de tecidos pendurados. Uma cidade branca, com tecidos coloridos. Daqui cinco, cinco bilhões de anos.

Fecharam nosso pôr do sol.

Eu só queria que não demorasse muito para abrirem de volta. Mas vai demorar. Eu sei que vai. Será que vai demorar demais?

E olha que eu só estava reclamando dos tapumes na orla da Usina do Gasômetro.

Fecharam nosso pôr do sol.

Eu só queria que não demorasse muito para abrirem de volta. Mas vai demorar. Eu sei que vai. Será que vai demorar demais?

Agir

Do verbo Criançar

Fernanda Bertoncello Boff

Se eu pudesse, transformava criança em verbo. E saía criançando tudin por aí. Imagina só? Ou melhor, o que mais você conseguiria fazer seria imaginar…

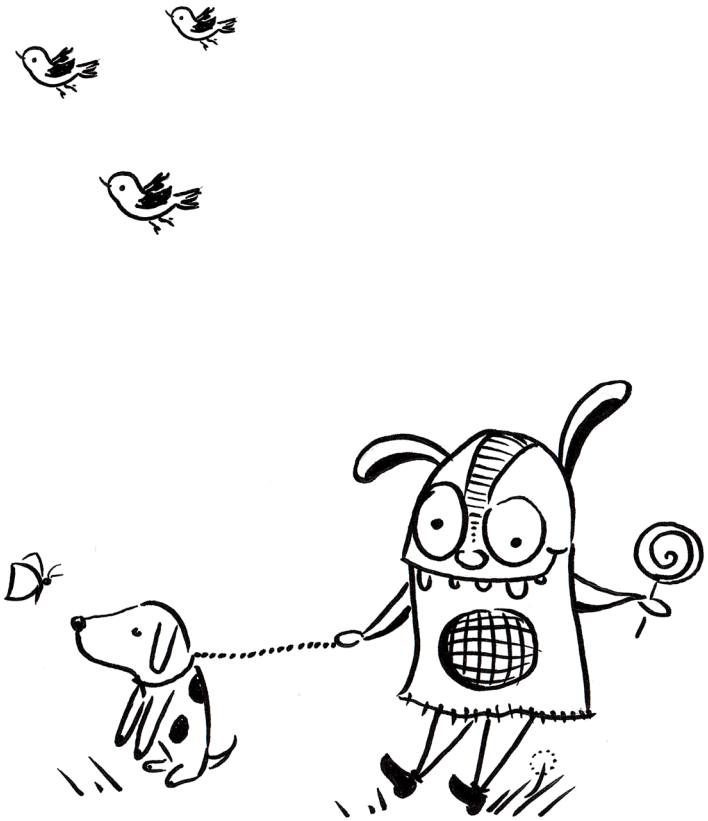
Uma vez criançado, um monte de "era uma vez". Seu pensamento feito panela de pipoca, a estourar um zilhão de ideias. Todas possíveis. Sabia que pra uma ideia criançada, não existe o impossível?

Por que criança não é verbo se criança é movimento?

Pra cada problema, criançaria uma solução. Pra cada descuido, criançou um afago. Pra cada desinteresse, criancei uma investigação.

Se eu pudesse, me transformava em uma Criançadora. Tipo profissão mesmo, saca? Graduação em Criançaria.

Criançar tem a ver com explorar, experimentar, inventar. Brincar a vida.



Dançar

Dança contemporanea???

Fernanda Bertoncello Boff

Mas afinal, que dança é essa que a gente faz?

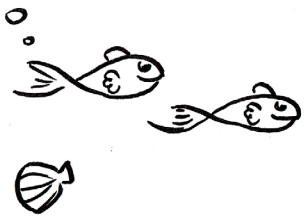
Com a palavra, a criançada:

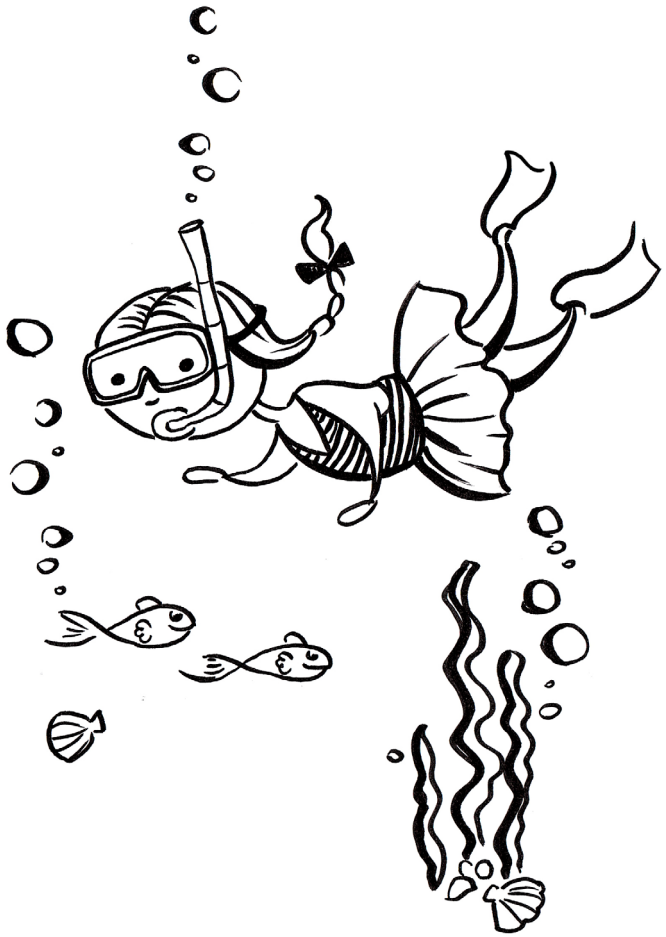
É uma dança maluca!

Uma dança inventada!

São brincadeiras com o corpo...

Por que vou eu explicar, né? Eu fico com a pureza dessas respostas!





Perguntar

Que pergunta é essa?

Fernanda Bertoncello Boff

Bagunça. A gente em meio a uma brincadeira. Inventada. Em tempo real.
Caos. A gente mergulhada no experimento. Era tudo possibilidade. No agora.

Tinha muito barulho. Tinha. Tinha muito movimento. Tinha. Tinha muita paixão. Tinha.

Qualquer um que visse, desavisado, pensaria com direito: que loucura!
E por isso eu esperava.

O que eu não esperava era ouvir isso de uma das meninas:

"FÊ, COMO É QUE TU NOS AGUENTA?"

E por mais bem-humorada que tenha sido dita essa frase, foi impossível não me colocar a pensar sobre a bagagem que ela trazia consigo.

Aguentar? O que fez ela pensar que, para mim, aquele momento estava sendo um sacrifício?
Por que um momento de pura invenção e envolvimento soa negativamente num espaço educativo?

A construção do modelo de um bom aluno já deteriora, desde tão cedo, outros modos possíveis de se habitar esse espaço? Seriam essas as atitudes de um mau aluno?

E a imagem do professor? Tão rápido já se faz acreditar no professor que precisa suportar os seus alunos? No professor que diz "não" a toda e qualquer coisa que possa parecer que saiu do seu controle? Dizer sim é sinônimo de precisar aturar uma bagunça?

O professor está acima de seus alunos? Quem é o professor? Quem o aluno acredita ser seu professor?

As crianças mesmas já tomam aquilo que vem delas como menos? Pensam que suas iniciativas devem ser negadas, apoucadas?

Para ela, eu respondi simplesmente "Que pergunta é essa?", com um sorriso.

"Eu adoro vocês e adoro o que fazem."

Me arrependo de não ter dito o quanto eu acredito também na potência da bagunça, nessa possibilidade de mergulhar fundo em algo que não se sabe onde vai dar, de se envolver, dizer sim. Olhar para o outro, trocar. Experimentar.

Criançando

Para mim, a Dança é uma pergunta: Como posso mover? Dançar é brincar de responder. Brincar de responder é inventar. Inventar é protagonizar. Protagonizar é se construir. Construir-se é se movimentar. Movimentar-se é criar. Criar é perguntar. Perguntar é dançar.

Sou
CORPO
ocupando
ESPAÇO
através do
TEMPO

ocupando CORPO

Sou TEMPO ESPAÇO
através do
CORPO

ocupando ESPAÇO
através do
TEMPO
através do
Sou
através do
ESPAÇO
Sou
CORPO
ocupando
ESPAÇO
através do
TEMPO

ocupando CORPO

ATIVIDADE 01: PEGA-PEGA DANÇANTE

Não existe alguém quem nunca tenha brincado de pega-pega, né? E entre todas as suas modalidades - paralítico, corrente, hospital, mais todas essas outras aí que tu conheces - não poderia faltar uma dançante! No pega-pega dançante, não vale só correr para fugir ou pegar, é preciso dançar… E quando eu for pego? Bem, daí tu ficas impossibilitado de se deslocar pelo espaço e sua movimentação "trava" num único e repetitivo movimento. Mas eu posso ser salvo? Sim! Basta alguém conseguir, na sua frente, imitar essa movimentação por pelo menos três segundos. Tu estás livre para continuar fugindo!

Dica: Para essa brincadeira, é bacana escolher músicas bem animadas. Varie o pegador/pegadora. Podem ser inseridas outras tarefas/conteúdos como: só pode pegar saltando; só pode fugir com giros; todos devem estar no nível baixo; etc. Com quem precisa ser salvo, também é possível direcionar os movimentos repetitivos indicando com quais partes do corpo devem ser realizados (ex.: somente com os braços) ou ainda diferentes qualidades de movimento (ex.: ondulado).

ATIVIDADE 02: PARTES E DOBRAS

Toque. Movimento. Pausa.
Toque. Movimento. Pausa.
Toque. Movimento. Pausa.
Um movimento. Uma parte por vez.

Em duplas, aquele que toca busca variar as partes do corpo do colega. Aquele que é tocado pode realizar apenas um movimento com a parte do corpo que recebeu o toque; e pausa. A brincadeira inicia com calma, demora-se bastante tempo para ir de um toque a outro… Um cotovelo que dobra aqui, a cabeça que vira lá, o bumbum que faz um contorno, etc. Aos poucos e de forma gradual, aumentamos a velocidade dessas informações (toque) até que se percam as pausas. Haverá tanto toque e tantos movimentos, que essa confusão não nos deixará mais perceber qual parte específica está movendo e em qual momento.

Dica: É importante frisar a ideia da pausa logo após a realização do movimento, ou seja, deixar a parte do corpo no lugar em que o movimento a levou: isso proporcionará figuras divertidas. Também é legal iniciar a brincadeira podendo tocar apenas nas articulações (reconhecer dobras do corpo), depois em outras partes do corpo, até desafiar o toque em partes que talvez seja impossível movê-las isoladamente. Uma outra variação possível é vendar a criança que está sendo tocada.

ATIVIDADE 03: LUZ, DANÇA E AÇÃO

Faça uma lista de verbos, como essa logo abaixo. Escreva os verbos em cartelas, para que possam ser sorteados. A brincadeira começa como uma mímica: divide-se a turma em dois grupos, um grupo realiza a ação e o outro tenta adivinhar. Invertem-se os papéis e assim por diante, até que todos estejam familiarizados com os verbos. Depois disso, individualmente, cada criança escolherá de três a quatro verbos (essa escolha também pode ser por sorteio). O objetivo é transformar essas ações em uma coreografia, sequenciando os movimentos correspondentes de cada verbo. A sequência será ensaiada e apresentada aos colegas.

Exemplo lista de verbos: comer, escrever, lavar, vestir, apagar, torcer, dobrar, cavar, quebrar, esticar, ler, cortar, cair, grudar, abrir, pular, coçar, dormir, chicotear, girar, encaixar, derreter, varrer, flutuar, prender...

Dica: também pode-se realizar a tarefa em duplas, trios ou quartetos. Estipule um tempo para a criação e o ensaio dessa dança até sua apresentação. Instigue as crianças no sentido de transformar a mímica do verbo em movimento dançado... Coloque ritmo, mude o tamanho e a velocidade, realize em diferentes níveis, repita a movimentação para diferentes direções, insira uma pausa, faça o mesmo movimento com outra parte do corpo, etc. Faça do momento da apresentação um momento especial, modifique as luzes da sala, dê os três sinais do teatro (mesmo que seja com o

som da voz), alerte a plateia para que esteja atenta e em silêncio. Nessa atividade, costumo não utilizar música.

ATIVIDADE 04: CORRENTE ELÉTRICA

Escolha músicas tranquilas e suaves. A ideia aqui é instigar as crianças a se moverem muuuuuito lentameeeeente. Como se estivessem num filme em câmera lenta. O mais lento que conseguirem. Alguém, responsável por conter uma grande carga elétrica em seu corpo, passeia no entorno dos colegas e, quando quiser, pode encostar neles com a mão, rapidamente. Através do toque, uma corrente de alta tensão passa pelo corpo do colega que foi tocado, como se tivesse tomado um choque mesmo. Por um instante, seus movimentos têm de passar do mais lento para o mais rápido possível. Quando a sensação de choque passar, retomasse a câmera lenta.

Dica: deixe bem clara a função de cada papel no jogo. Pode haver mais de uma criança responsável pela corrente elétrica. Conforme elas forem se familiarizando com a proposta, o tempo do choque pode variar conforme o tempo do toque: quanto mais tempo eu estiver recebendo carga elétrica, mais movimentos rápidos serão necessários até que eu retorne à câmera lenta novamente.

ATIVIDADE 05: BALSA MARÍTIMA

Utilize a fita crepe para demarcar, primeiramente, um quadrado ou retângulo no chão da sala. Nossa balsa marítima está pronta para a viagem. Podendo se movimentar somente dentro do espaço demarcado, as crianças dançam livremente ao som de uma música, sempre tomando cuidado para que a balsa esteja equilibrada, ou seja, distribuindo-se e deslocando-se sempre do modo mais uniforme possível, senão a balsa vira!!! Uma baleia faminta está rondando nossa balsa, cada vez que ela chega perto, com sua mordida, a balsa diminui um pouco (demarcar a parte da balsa que foi destruída também com fita crepe). Na medida em que o espaço for diminuindo, essa dança também precisa diminuir de tamanho, para que todos ainda caibam na balsa, chegando

um ponto em que o espaço é tão pequeno que a dança é quase imperceptível.

Dica: escolha músicas animadas e alerte sobre a chegada da baleia. Diminua o espaço da balsa em diferentes sentidos, ao final dessa brincadeira, é provável que tenhamos um desenho muito divertido com a fita crepe no chão. A mesma pode desdobrar-se em outros jogos como: só pode dançar em cima da linha; não pode tocar na linha; só pode dançar dentro de um dos espaços formados; tem que ocupar o máximo de espaços que conseguir com o seu corpo; etc.

ATIVIDADE 06: VIDEOGAME

Para esse jogo, pode-se pecar pelo excesso. Transforme a sala em um ambiente cheio de obstáculos. Tu podes utilizar almofadas pelo chão, bambolês, cadeiras, mesa, barbante criando teias, etc. Em duplas, as crianças vão explorar esse ambiente vencendo os obstáculos. Como em um videogame, um colega da dupla será o personagem, enquanto o outro exerce a função do controle. Para isso, alguns comandos devem ser criados, de preferência a partir do toque. Exemplo: tocar na cabeça para andar e parar; tocar na cintura para saltar; tocar no ombro direito para virar para a direita e vice-versa; tocar nas pernas para agachar/rastejar.

Dica: inicie com os comandos mais simples como andar e parar. Conforme as crianças forem se familiarizando com a proposta, adicione novos comandos, eles podem ajudar com ideias. Se a turma for grande, divida em grupos para poucos jogarem por vez enquanto os outros observam. Crie uma ambientação sonora também, com músicas de videogames que seus alunos gostam.

ATIVIDADE 07: DANÇAR E DESENHAR NO ESPAÇO

Quando eu falo em espaço, qual a primeira coisa que vem na cabeça de vocês? (Tempo para as respostas) E o ar que nos rodeia? Não conseguimos enxergar o ar, mas podemos

senti-lo, ao respirar, ao ventar... Podemos sentir o ar quando em movimento!

Convide as crianças a se movimentarem livremente prestando atenção no ar que deslocam ao mexerem seus corpos. Depois disso, basta começar a imaginar uma porção de pontas de lápis de cor, espalhados por todas as partes do corpo. Se pudéssemos registrar nossos movimentos no ar, não seria a dança um desenho no espaço?

Dica: sugira a execução de alguns desenhos no espaço, como formas geométricas por exemplo, ou ainda, dependendo da idade, proponha que escrevam seus nomes no ar com alguma parte do corpo. Instigue as crianças a utilizarem diversas partes do corpo para o desenho-dança.

ATIVIDADE 08: PORTAL DO TEMPO

Dois pedaços de fita crepe colados no chão dividem a sala em três partes. Do lado de lá, nós temos um passado muito, muito distante, cerca de 3,8 bilhões de anos atrás, quando as primeiras formas de vida começam a aparecer no planeta Terra: são as Amebas (ou Amoebas). No espaço do meio, nós temos o presente e experimentamos a vida como seres humanos. E, por fim, do lado de cá, emerge o futuro, com suas criaturas robóticas e suas máquinas avançadíssimas.

Escolha uma música e convide as crianças a experimentarem esses modos possíveis de se mover. Quando a música para, todos passam pelo portal do tempo (fita crepe) e vão do passado para o presente, ou do presente para o futuro, ou do futuro para o passado. A turma também pode se dividir entre esses espaços, não necessariamente todos precisam fazer tudo ao mesmo tempo. É muito bacana que, em algum momento, não seja mais a música que comande as passagens pelos portais, mas que ir de um período histórico a outro seja uma escolha das crianças mesmo, no momento em que quiserem e na velocidade que mais despertar sua curiosidade: é aqui que começam a se desafiar ainda mais, podem escolher ter partes do corpo de ameba e partes do corpo de ser humano ao mesmo tempo, por exemplo.

Dica: ajude a listar características de cada um desses seres e cobre fidelidade. Ex.: uma ameba não tem ossos, então ela não consegue ficar de pé. Introduza conteúdos como: qual a função do nosso esqueleto? Dar sustentação ao nosso corpo e proteger algumas regiões (como no caso do crânio e das costelas).

ATIVIDADE 09: MÁQUINA DE TELETRANSPORTE

Elabore uma máquina de teletransporte. Uma espécie de toca. Estenda um grande tecido ou lençol em alguma parte da sala. As crianças têm de conseguir se esconder todas juntas dentro da máquina. Combine algum sinal que signifique o momento de saírem da máquina. A cada vez que saem, estão em um lugar diferente: hora de explorar esse ambiente e usar a imaginação! Logo abaixo, uma lista de ideias de lugares, mas tu também podes perguntar para as crianças para onde elas gostariam que a máquina às levasse. Ah, e não precisa ser um lugar que exista de verdade!

- Deserto
- Floresta
- Centro da cidade
- Mar
- Lago congelado
- Lua
- Parque de diversões

É necessário também estabelecer um sinal de retorno à máquina para a próxima viagem. Algo pode colocá-las em perigo nesse lugar, por exemplo, que faça com que elas fujam. Uma onça na floresta que se sente ameaçada e vem correndo em sua direção...

Dica: prepare uma ambientação sonora para cada lugar, instigue as crianças a explorarem os modos de se mover em cada uma dessas situações.

ATIVIDADE 10: DESAFIOS DANÇANTES

Divida as crianças em grupos e estipule um tempo para

que o desafio seja cumprido. Ao final do período estipulado, elas devem apresentar suas resoluções para o restante da turma. Abaixo uma lista de desafios, mas tu podes levar outras ideias também:
- Como seria uma dança de super heróis/heroinas?
- Como seria dançar em um chão coberto de chiclete mascado?
- Como seria dançar feito uma mola? (um balão, um elástico, um lenço, um arame, etc)
- Como seria dançar feito um bicho?

Dica: não divida as crianças em muitos grupos, isso facilita o teu acompanhamento no processo de resolução de cada um, podendo passar de grupo em grupo para oferecer uma pequena ajuda. No caso das crianças muito pequenas, tu podes adaptar a atividade realizando-a com a turma toda, instigando os alunos a resolverem juntos, cada um podendo dar o seu temperinho no resultado final. Com relação aos materiais (mola, balão, elástico, etc), tu podes levá-los para mostrar e analisar com as crianças o comportamento de seus movimentos, identificando características.

Todas as brincadeiras têm grande potencial de desdobramento e variação, por isso é bacana estar atento e curioso. Perguntar a si mesmo e às crianças: podemos ir além? O que mais podemos fazer com isso? Às vezes, um pequeno ajuste nas regras do jogo já delineia um novo caminho possível. Além disso, é imprescindível não poupar saliva e caprichar nos *feed backs* positivos. Essas propostas dependem das ideias, atitudes e autoria das crianças para acontecerem, é preciso encorajá-las e desafiá-las.

Convidados

DANÇA PARA CRIANÇAS OU JOGO DOS SETE ERROS?[1]

Airton Tomazzoni

Ainda vou fazer uma pesquisa com turmas infantis. Não na frente daqueles professores ávidos por respostas adestradas, mas naquelas horas que a criançada fala mesmo o que bem entende. Enquanto ensaiam ou depois de dançarem num evento. São apenas três perguntinhas:

1) Foi bom?
2) Queriam estar ali, dançando o que dançaram?
3) O que gostariam de fazer no palco?

Falo isso porque tenho acompanhado tantas apresentações de escolas, de projetos sociais, de oficinas e venho me interrogando, como educador, artista e espectador, sobre muitas questões. Talvez a maior delas seja a de se realmente o desejo de subir num palco para dançar é um desejo da criançada mesmo ou mais o nosso desejo como professores, pais, parentes, gestores. Não estou apagando o desejo legítimo que possa haver, nem quero generalizar, pois há quem seja cuidadoso em buscar perceber isso. Mas de maneira geral o que vejo são crianças constrangidas em resultados que promovem o mesmo riso dos vídeos
engraçados que proliferam na internet e em programas de

[1]Publicado em: http://idanca.net/danca-para-criancas-ou-o-jogo-dos-sete-erros-por-airton-tomazzoni

televisão nas tardes de domingo. Gostaria, portanto, mais do que desfazer tentativas, muitas vezes repletas de boas intenções, de problematizar posturas quase naturalizadas que podem estar reproduzindo distorções e impedindo de ampliar as possibilidades de trabalho de dança com o público infantil.

Então, para entrar no contexto, lembrei do jogo dos sete erros que eu adorava na infância. Mas na verdade aqui não pretendo colocar um "x" em cima do que pode estar errado, mas sim uma interrogação. Então, lá vai:

1 – O trabalho de sala de aula precisa necessariamente ter como fim e resultado o palco? Via de regra o que percebo é esse imperativo, impositivo. O trabalho de sala de aula parece não valer por si, só ganha valor se for apresentado no palco (seja ele o do teatro ou aquele improvisado no pátio ou ginásio da escola). O objetivo da aula é o de preparar o corpo da criança para uma experiência de dança ou para uma exposição pública? O que é objetivo e o que é uma possível consequência? Numa sociedade espetacular como a nossa, seja ao vivo ou midiaticamente, os apelos para a visibilidade são constantes e intensos. Mas não é porque ela existe que deva ser uma regra, uma obrigação.

2 – No caso de ir para o palco não seria necessário um aprendizado para além de aprender a coreografia a ser apresentada? A experiência de estar em cena é uma experiência que exige tanto investimento de seu entendimento como o da coreografia a ser apresentada. Como então preparar gradualmente os alunos para esse espaço que tem um monte de gente sentada na frente te

olhando, que, muitas vezes, tem uma cortina fechada que vai se abrir e se fechar, que acendem luzes ofuscantes, que tem um lugar chamado camarim para a gente se aprontar, que muitas vezes tem um tal de *black-out* que deixa tudo escuro (e não é raro ver a criançada prestes a abrir o berreiro na escuridão)? Enfim, estar em cena exige uma preparação prévia e não apenas a transferência do que é feito em aula para o palco. E uma preparação capaz de dar essa dimensão para os alunos, de maneira que eles possam

lidar com essa nova situação. O ideal seria talvez poder visitar o tal espaço cênico e ensaiar nele, o que a realidade muitas vezes impede que aconteça. Mas se vão enfrentar o palco, há de se buscar alternativas para essa tarefa.

3 – Vale insistir em fazer parecer homogêneo o que não é? Difícil ter um grupo de prodígios e com as mesmas capacidades motoras, emocionais, cognitivas. Então por que uma insistência em uniformizar o que deve ser realizado, produzindo efeitos como o de colocar na fila de trás para se apresentarem os menos aptos a realizar a coreografia? Todo mundo tem que dançar o tempo todo? Todo mundo deve dançar a mesma coisa? As singularidades devem ser apagadas e não podem ser incorporadas à coreografia?

4 – O tempo de cena é o das crianças ou é o tempo da música? Cada faixa etária e mesmo dentro de cada faixa etária, cada turma de alunos tem condições e disposição para ir até certo ponto, contudo, por inúmeras vezes, percebo o uso de músicas que ultrapassam em muito o tempo que os alunos conseguem sustentar. E a coreografia se arrasta até o final da música seja de que jeito for. Mudar a música ou editá-la (tão fácil com a tecnologia de hoje) não pode ser uma alternativa mais eficiente do que ficar encontrando maneiras ineficazes de manter a dança até o final da música?

5 – Elementos cênicos atrapalham ou ajudam? Será que realmente alguém acha que para "mascarar" a dança, o uso de um acessório ou adereço pode salvar uma coreografia? Normalmente é um festival de chapéus que caem da cabeça, óculos que ficam presos em cintos ou suspensórios, bengalas e sombrinhas que são arremessadas em colegas de cena, asas que se desmancham. Não seria mais aconselhável primeiro dominar a dança criada, antes de pensar em incluir qualquer parafernália? Já não está de bom tamanho aprender uma coreografia e enfrentar o palco? De novo, uma ressalva, não sugiro aqui a extinção dos adereços, mas a avaliação de sua real necessidade e adequação.

6 – Simplicidade é sinônimo de falta de criatividade? É recorrente

também uma certa ansiedade em fazer as crianças mostrarem que podem fazer coisas complicadas ou "que nem gente grande". Mais do que mostrar que é possível criar coisas jamais realizadas com aquelas crianças, deveria, quem sabe, se pensar no que é compatível, seja repetindo, seja permitindo que sequências simples e fluidas possam ser realizadas.

7 – O palco não pode ser um *play-ground* dançante? Sim, parece que um surto de seriedade absurda acomete a apresentação das crianças. Raramente vi um espaço real para o tão repetido termo que ecoa em todo trabalho com o público infantil, o "lúdico", aparecer em cena. Se já se conta com eventuais atrapalhações, porque não permitir que a apresentação tenha momentos das crianças se divertirem em cena, com espaço que elas dominam, às vezes, melhor que nós: o jogo. Isso não seria dança? Ou não seria uma dança digna de ser mostrada? Quando isso acontece é uma delícia, porque as crianças, ao dançarem, saboreiam a apresentação como se estivessem no "recreio" e não cumprindo um enfadonho dever de casa.

Provavelmente não esteja falando uma grande novidade, pois outros educadores atentos devem ter apontado esses aspectos, mas frente a recorrências de situações como essas, achei que valia correr o risco de estar me repetindo. E, se aspectos como esses podem ser identificados não apenas na produção de dança para crianças (muitas dessas perguntas me faço frente à dança de jovens, de adultos e agora tão na moda, a dança da melhor idade), para o público infantil a exigência de ponderar sobre essas práticas é mais urgente e necessária. Enfim, o objetivo do texto não foi o de pensar em interditar as crianças de se apresentarem no palco, mas de se perguntar por que, para que e como, antes de repetir modelos e práticas que não satisfazem aos principais envolvidos e, talvez, nem mesmo a professores, nem pais e outras crianças na plateia (pensando apavoradas que um dia aquilo pode acontecer com elas).

INFÂNCIA E DANÇA: UM JOGRAL-MANIFESTO

Jorge Alencar e Neto Machado[2]

O que é criança?
O que é infância?
Criança não é uma coisa só
Crianças não são uma coisa só
Criança não é uma identidade coerente
Criança não é uma
Criança não é um pequeno adulto limitado
Criança não é um adulto insuficiente
É preciso desnaturalizar o binômio idade e classificação de comportamento
Infância não é puramente biológica ou apenas uma fase cronológica natural do crescimento
Infância não é sinônimo de pureza, inocência e necessidade de proteção a todo custo
Infância não é a idade da felicidade plena e despreocupada
Infância é uma ficção histórica e provisória
Infância é uma noção regulada por convenções e normas de validação cultural
Infância é forjada por diferentes forças de ordem biológica, social, política, histórica, cultural, econômica e...artística
Crianças são um grupo social relevante
Crianças são sujeitos sociais com corpos próprios
Crianças são produtoras de cultura, de linguagem e de história
Crianças não são tolas
Bom dia, criançaaaaaada!

Não ouvi...
Mais alto!
Bom dia, criançaaaaada!
As práticas de significação e de normatização da noção de infância são constituídas ao mesmo tempo pela linguagem e pelo corpo enquanto um campo político
A infância que projetamos em nossos corpos e em nossas danças são coreograficamente performativas
A obra que produzimos para criança é produtora de realidades e de corporalidades
Criança não precisa ser colocada nos eixos
Criança merece mover, dançar
A criança não é "o outro" a quem precisamos controlar para nos empoderar enquanto adultos
Criança não é o selvagem de uma tribo primitiva que precisa ser salva da ignorância pelos homens brancos adultos
Criança não deve ser colonizada
"Infantil" não precisa ser sinônimo de adulto babaca
Adulto babaca não merece o privilégio de ser chamado de "Infantil"
A criança inquieta nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas
Não é a mamãe, não é a mamãe, não é a mamãe
A criança não vive num mundo à parte
A criança vive no mesmo mundo que eu e você
Em última instância tudo o que se produz neste mundo é, portanto, para criança, para mim e para você
Moral da história já morreu quem manda no meu corpo sou eu
Ao infinito e além

DANÇAS QUE NÃO EXISTEM: QUE AULA É ESSA?

Karenina de los Santos

Assim que fui convidada para dar aulas na Escola Preparatória de Dança de Porto Alegre pensei: Maravilha, mas aulas de quê? Qual dança? O que seria importante nessa preparação? Ainda mais num programa de formação que já oferecia uma boa diversidade de estilos (danças urbanas, *ballet*, sapateado, *jazz*, dança contemporânea...) e mesmo que não fosse para integrar a grade de um programa de formação, o que me interessa mais ao ensinar dança?

Talvez fosse uma boa ideia mostrar que as danças não precisam sempre se enquadrar numa modalidade determinada, que as possibilidades são infinitas e que cada um pode criar seus próprios movimentos e decidir o que vale ou não vale como dança. Incentivar um processo no qual cada corpo com suas habilidades, dificuldades e características individuais, ao se mover, pode inventar danças, as danças de cada um, criar então *as danças que não existem*.

A liberdade de criação pode ser paralisante por não se saber por onde começar, então dou como suporte uma introdução aos fatores do movimento: tempo, fluxo, peso e espaço. Também proponho uma conversa sobre o é dança para cada um, quais movimentos são ou podem vir a ser dança e logo chegamos a um consenso inicial de que qualquer movimento pode virar dança, afinal, se a dança é minha, sou eu quem decide o que pode ou não pode.

Próximo desafio: dança pode ser o que eu quiser, mas não pode ser qualquer coisa. Quem trabalha com crianças sabe que a vida não é um morango, tem dias que nada dá certo e o limite entre liberdade criativa e o caos com vista para o inferno é uma linha muito tênue... Então pensei num formato de aula de trabalhos em grupos nos quais há um líder: o coreógrafo da vez, que precisa selecionar ideias de cada integrante, organizar esse material em forma de dança e também é responsável por resolver discórdias e problemas do seu grupo. Feito isso, cada grupo se apresenta aos demais, recebem e emitem críticas sobre suas apresentações.

É neste ponto que percebo a potência do que acontece quando desafiamos crianças a uma experiência crítica e penso: onde fui me meter? Socorro!!! O que era pra ser uma aula de dança vira espaço de aprender a falar, ora liderar, ora colaborar com a ideia de outros, criticar sem ofender, tentar ajudar ao invés de depreciar, encontrar qualidades nos outros e em si, aprender com eles mesmos.

Ao mesmo tempo, todas as questões que coloco aos alunos (sobre o que é dança, se precisa de movimento, se precisa de corpo, se precisa de gente ou uma sacolinha no vento pode ser dança...) voltaram-se para mim: que aula é essa? Será este o melhor formato? Precisa falar tanto? Aula de dança é lugar de crítica? Crítica é coisa de criança?

Bem, se as danças são infinitas e estão sempre sendo reinventadas, as dúvidas e respostas sobre elas também o são. É justamente essa falta de formas e fórmulas a matéria principal das danças que não existem.

BOBEOU DANÇOU: SOBREEDUCAÇÃO,CRIAÇÃO, RISO E RESISTÊNCIA

Diego Esteves

Sobre a arte e a educação

Confiar nesse entrelaçamento onde arte e educação são a mesma coisa, ainda que diferentes. Um lugar de possibilidades, onde a educação possa ser criar, criar a si mesmo e a vida: criar condições, corpos potentes. Pensar a educação não para um fim. Nada de corpos para o trabalho, para a sociedade não, para a economia não - é preciso saber dizer não para dizer sim, sim para si: para onde pulsa meu corpo? E esse onde é sempre um lugar nenhum. Mas é preciso ir.

Com Guimarães Rosa, em Grande Sertão - e é preciso ser tão: "O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia."

Sobre educador e arte

Um professor que ensina, educador que educa. "Educação vem de casa". Não. E sim. Não para a afirmativa que faz da educação sinônimo de respeito. Educação é função da sociedade, se dá nas instituições - família e escola - é função do Estado. Professor como representante do Estado, como educador portanto. Corpos a formar, não. Corpos a movimentar. Corpos a dançar. Professor como um cuidador, a cuidar para que esse corpo não pare de dançar - a começar pelo seu corpo. Professor como criador, que cria condições, espaços abertos para invenções. É preciso resistir à imobilidade das instituições que, de tanto peso, já não podem dançar. Do currículo que teima em ensinar, em formar, em preparar para o mercado de trabalho. Sem temer, pôr o currículo e a vida a dançar: a dança é resistência.

Sobre dança e corpo

7 e 8 não, também, mas sobretudo a dança como ação inventiva: um corpo que não cabendo em si torna-se outro, e outro, e outro. A dança das formas, em movimento, das possibilidades. Formar não, também, enquanto transformar. Movimento portanto, trânsito. Consciência das fronteiras, dos limites, e atravessar. Dança do desequilíbrio, do incômodo, do estranho, do fora, para que se torne dentro, para que o dentro se torne fora. Dança do avesso, do que não é, mas pode tornar-se, e voltar-se, e ir. Não um ponto final - talvez um ponto de interrogação, mas sobretudo o movimento que atravessa, dos pontos para as linhas, da linhas para paisagens.

Sobre pôr os pés no chão

E enquanto a escrita quer desviar da instrução, do apontamento, da definição, pesa algo clamando por afirmações: é preciso pôr os pés no chão, se dar conta de que as instituições dificultam esses movimentos que o texto em sua emergência poética demanda, pois não comprometido com a burocracia institucional desmotivante. Sim, mas confiar nesse entrelaçamento onde arte e educação são a mesma coisa, ainda que diferentes, é justamente pôr em prática a criação como condição para se movimentar entre essa dureza, encontrando ali pequenices, lugares onde possa se alocar e mover um descompromisso potencializante, onde se dance porque se pode dançar, porque não se consegue não dançar.

Bobeou dançou

É preciso resistir, e resistir aqui significa não levar tão a sério - ainda que com seriedade. Pois dançar é aceitar a estranheza desse corpo, que morre, e nasce o tempo todo. Dançar é se encontrar com o preconceito, de que homem não dança, de que rebolar insinua *seiláoque*. Dançar é afirmar que essa sociedade sisuda não tá com nada, que a escola é anacrônica, e que eu como professor

sei disso, e rio, e danço: o riso e a dança manifestando a seriedade de um entendimento, que tangenciam pela loucura possível nessa falta de sentido das coisas, onde não resta outra coisa que não o riso e a dança. Onde o riso e a dança manifestam a aceitação dessas condições, não como passividade, mas como aceite de uma conjuntura atual, em tese não favorável, mas ainda assim possível de mudar - e mudar é criar, criar é mover, é sempre um jeito de dançar. E pode ser 7 e 8, mas aqui cabe sobretudo danças estranhas, danças que fazem rir. Aqui cabe o bobear, é preciso, aqui é preciso dançar. É preciso rir. Em tempos onde a máximo do governo é "Não pense em crise, trabalhe", afirmar um "Pense em crise, e dance!". Resistir manifestando a alegria em resposta a sisudez. Botar o pé no chão é aqui não sinônimo de pragmatismo, mas de quem tateia as condições como matéria para mover os corpos, para pô-los a dançar.

DANÇA CONTEMPORÂNEA PARA CRIANÇAS: UMA POTÊNCIA DE AGIR CRIANCEIRA

Wagner Ferraz

Aproveitando o subtítulo/tema do projeto cultural, "Pequenices: Dança contemporânea para crianças", que gera essa cartilha/livro, traço uma breve discussão acerca do tema buscando lançar questões para o pensar/fazer nos processos educativos dançantes.

Uma discussão acerca da dança contemporânea pode parecer desnecessária, para muitos, por ser algo tomado tantas vezes como já estabelecido. Mas é justamente o não estabelecido que me interessa a pensar, ainda mais pensando a potência corporal crianceira.

Destaco aqui uma dança contemporânea que prioriza o fluxo da mudança, o movimento infinito, aquilo que não para (mesmo em repouso), aquilo que não se fixa, que vibra, que oscila, que se torna constantemente outro, que se diferencia de si mesmo, que nos deixa sem saber o que dizer, pois se trata de potência.

Falar de potência já tem sido tomado como clichê, como um bordão que virou moda falar, mas aqui a noção de potência vem como força criadora e de agir com Nietzsche, Spinoza e Deleuze. Como potência, me refiro àquilo que pode vir a ser, àquilo que pode se tornar, aquilo que pode... E não àquilo que já quero definir, estagnar, fixar, tornar estável... Assim como uma criança, essa dança prioriza o movimento constante...

A descrição apontada anteriormente possibilita pensar uma dança contemporânea como a potência crianceira. Uma potência crianceira, vem a ser um modo de se constituir no encontro com a dança, independente da fase da vida, seja criança, adolescente, jovem, adultos... Só é importante estar disposto ao movimento de dançar, de viver, de se envolver, de se relacionar, de vir a ser o que o movimento da vida possibilitar...

Se faz importante esclarecer que não se está abrindo mão de processos educativos necessários, que tantas vezes, mesmo que de modo sutil, instauram processos disciplinares, mas extremamente produtivos corporalmente e socialmente. Mas é de extrema importância ficar atento às definições moralizadoras que acabam com a potência de agir crianceira.

Assim, penso que a dança contemporânea para crianças prioriza essa potência de agir crianceira, possibilitando que um corpo possa dançar, brincar, viver diferentes processos de movimento, fissurando alguns modos únicos de dançar, voltados para crianças, que tantas vezes repetem o que se fazia há décadas atrás, esquecendo que os corpos/crianças de hoje são outros(as).

Uma potência de agir crianceira brinca com a vida dançante, mas não no sentido de tomar a brincadeira como um deboche desqualificado, mas sim uma brincadeira como modo de agir crianceiro, modo de estar no mundo, modo entender a vida pelo brincar, e aqui pelo brincar/dançar, ou seja, pelo agir, pelo praticar...

Brinque...

Dance...

Currículos

Airton Tomazzoni é jornalista, coreógrafo e professor universitário. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Idealizador e coordenador do Fórum Nacional de Dança Infância e Juventude. Professor convidado na Especialização em Dança da UFRGS e da PUC RS. Diretor da Cia Municipal de Dança de Porto Alegre/ Escolas Preparatórias de Dança. Co-organizador do Escritos da Dança - olhares da dança em Porto Alegre. Dirigiu e coreografou inúmeros espetáculos como Guia improvável para corpos mutantes (2013), Faz de conta que (2010), Follias Fellinianas (2007), Aos pedaços - versão lá em casa (2004), Hitchcock Ri (1999 - Prêmio Açorianos de Dança de Melhor Espetáculo) e Os predadores (1998 - Prêmio Incentivo às Artes Cênicas/ Ieacen RS)

Diego Esteves é artista da cena, com ênfase em circo e dança. Pesquisador do movimento. Educador físico. Gestor Cultural. Fundador do NECITRA – Núcleo de Experimentações Cênicas e Transversalidades e da empresa Canto – Cultura e Arte. Bailarino e produtor do espetáculo de dança contemporânea para crianças Guia improvável para corpos mutantes.

Fernanda Bertoncello Boff é licenciada em Dança pela UFRGS, seus estudos artísticos e na área da educação percorrem os campos da dança contemporânea, das artes circenses e da educação somática. Fez parte do Grupo Experimental de Dança de Porto Alegre de setembro/2009 até dezembro/2011. É integrante do NECITRA – Núcleo de Experimentações Cênicas e Transversalidades, desde abril/2011, através do qual realiza seus principais trabalhos artísticos e também como professora. Faz parte das produções "Tubo de Ensaio", "Desdobramentos" (indicado por dois anos ao Prêmio Açorianos de Dança na categoria Destaque em Dança Contemporânea), "Jogos de Transportar" (selecionado para a Virada Cultural Paulista Santos/SP 2015) e "Coisarada". Por esse último, recebeu o Prêmio Funarte Petrobras Carequinha de Estímulo ao Circo 2012 e participou de Festivais Internacionais de Artes Cênicas como o Porto Alegre em Cena (2012) e o Caxias em Cena (2013). Seu trabalho solo inicia no núcleo em 2013, sob orientação de Diego Esteves: "Experimento Portabilidade" – indicado ao Prêmio Açorianos de Dança na Categoria Novas Mídias (2013) e selecionado para a I Mostra Prosa, Vídeo e Dança em São Paulo/ SP. Em 2014, desenvolve a pesquisa coreográfica "Tudo que vai, volta", que participou da Maratona de Dança e do Festival Nacional Dançaponto com, ambos em 2015. Também neste ano de 2015, foi contemplada com o Prêmio Funarte Klauss Vianna de Dança para a concretização do projeto "Pequenices: dança contemporânea para Crianças". Atua no projeto de dança para crianças "Guia Improvável para Corpos Mutantes" desde 2012, concepção de Airton Tomazzoni e vencedor dos Prêmios Rumos Dança Itaú 2012-2014 e Funarte de Dança Klauss Vianna, em 2012 e 2015. O espetáculo já realizou apresentações no Uruguai, em Santa Catarina, Minas Gerais, São Paulo, Pernambuco, Tocantins, Bahia, Rio Grande do Norte e Ceará. Em 2015, o "Guia" fez turnê pelo Rio Grande do Sul com patrocínio O Boticário na Dança, através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado e parceria com o Sesc/RS. É também professora de dança (desde 2009) e arte circense (desde 2013) para crianças na Casa Cultural Tony Petzhold e na Escola Preparatória de Dança de Porto Alegre.

Jorge Alencar pode ter se tornado dançarino por conta do filme "Flashdance" ou por acompanhar sua mãe em bailes regados a bolero. Hoje, cria com dança, teatro, audiovisual, curadoria, escrita e educação. Graduado em Comunicação Social (UCSAL) e em Dança (UFBA), é também Mestre em Artes Cênicas (UFBA). Dentre as suas obras estão: "Chuá" (peça coreográfica para crianças); "souvenir" (peça de quintal sobre infância); "Miúda e o Guarda-chuva" (curta de animação infantil); o longa-metragem "Pinta" e o curta-metragem "Sensações Contrárias" (ambos com crianças performando). Seus trabalhos têm circulado por todas as regiões brasileiras e por diversos contextos internacionais. Também já dançou em propaganda de eletrodoméstico ao lado de Ivete Sangalo. Em 1998, Jorge fundou Dimenti. Mais infos em: www.jorgealencar.com.br

Josiane Franken Corrêa é mãe do Joaquim e professora de dança. Lecionou em um tanto de escolas de Educação Básica e hoje se dedica ao Curso de Dança – Licenciatura, da Universidade Federal de Pelotas. Lá, é responsável (especialmente) por disciplinas

relacionadas ao ensino de dança na escola, mesma temática das suas pesquisas. Coordena o Projeto de Pesquisa Ensino Contemporâneo de Dança na Educação Básica: pedagogias possíveis; e o Projeto de Extensão Coreolab – Laboratório de Estudos Coreográficos; ambos do Centro de Artes da UFPel. Em 2014, dirigiu o espetáculo de dança contemporânea para crianças "Algodão Doce", financiado pelo Edital ProCultura da Prefeitura Municipal de Pelotas RS. É doutoranda e mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2012); especialista em Corpo e Cultura: ensino e criação, pela Universidade de Caxias do Sul (2010) e; licenciada em Dança pela Universidade de Cruz Alta (2008).
E-mail: josianefranken@gmail.com
Blog: https://ensinodedancanaescola.wordpress.com/

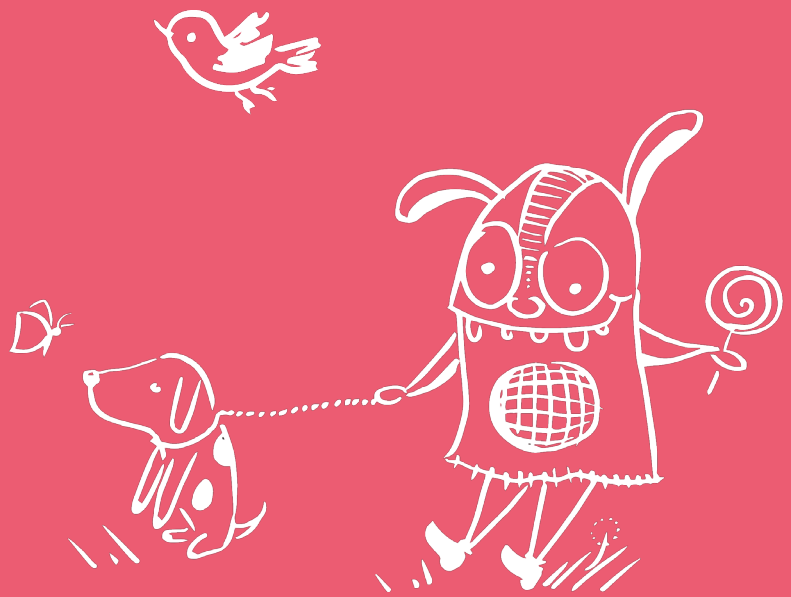
Karenina de los Santos é formada em bacharelado e licenciatura em Dança pela Faculdade de Artes do Paraná - FAP/UNESPAR (PR 2000 a 2004). Como coreógrafa estreou no programa Novíssimos do Panorama Festival Internacional de Dança (RJ 2005) com a performance Visita Guiada. A difícil tarefa de não interpretar o que se vê. Ganhou a bolsa Rumos Dança e videodança da Fundação Itaú Cultural (SP 2006-2007) com a videodança FF>>. Em 2008 foi a Portugal participar de um curso de formação em Composição em Tempo Real com Cláudia Dias, foi selecionada como artista residente da associação Alkantara onde desenvolveu sua vídeo performance Um Só, contemplada com apoio do Ministério da Cultura de Portugal e avaliada como um dos melhores espetáculos do ano pela crítica do jornal Público. (Lisboa, 2010). Como intérprete é integrante de Big Bang Boom, de Michelle Moura. Eleito um dos melhores espetáculos do ano pelo jornal O Globo (RJ 2012). Também é intérprete de Guia Improvável Para Corpos Mutantes, de Airton Tomazzoni, contemplado pela bolsa Rumos Itaú Cultural, Prêmio Klauss Vianna e o Boticário na Dança.. É professora de composição coreográfica no Grupo Experimental de Dança da Cidade e da disciplina de "Danças que não Existem " na Escola Preparatória de Dança de Porto Alegre.

Luciana Paludo é bailarina e professora de dança. De vez em quando ela também faz coreografias – mas, sempre pensa que tem muita dificuldade em fazer coreografias. Desde que ela tinha 14 anos, começou a dar aulas para crianças, apesar de achar que não sabia brincar e nem trabalhar com crianças. Mas, ela sabia conversar com as crianças; contava-lhes histórias dos passos de balé e, também, dos personagens. Depois ela foi fazer faculdade de Dança (bacharelado e licenciatura, PUC-PR / Fundação Teatro Guaíra – hoje FAP). Quando ela terminou a faculdade, começou a trabalhar com crianças novamente e gerou, com a ajuda de seu companheiro, 3 crianças! O Leo, a Carol e a Gabi. Mesmo assim, ela sempre deu um jeitinho de fazer suas aulas e inventar suas danças, todos os dias... Depois ela voltou a estudar: fez especialização em Linguagem e Comunicação (Unicruz), para entender mais as palavras e as coisas. Também fez mestrado em Artes Visuais (UFRGS) e, depois, doutorado em Educação (UFRGS). Tudo isso ajudou ela a continuar sua jornada de inventar danças, inventar modos de contar histórias de danças para os seus alunos e, ainda, a continuar tentando fazer suas coreografias! Luciana acredita que todo ser humano tem um grande potencial para criar, para inventar e para organizar suas ideias em livros, coreografias, pinturas, músicas, desenhos, projetos, comidinhas, poesias e muitas outras coisas.

Neto Machado começou a atuar e dançar aos 09 anos vendo na tv clipes do Michael Jackson e episódios do Castelo Ra-tim-bum, Vídeo Tribo e Mundo de Beakman. Hoje, se interessa pela relação direta entre arte contemporânea e cultura pop. Neto é responsável por duas peças de dança contemporânea pra crianças e adolescentes com grande repercussão no Brasil: Kodak e Desastro. Mestre em Artes Cênicas pela UFBA, Neto já morou em Curitiba, na França, nos EUA e num castelo alemão como artista bolsista do Instituto Akademie Schloss Solitude. Neto já circulou por mais de 50 cidades brasileiras e 10 países, passando por lugares como: TATE Modern em Londres, MIT em Boston e Centro Georges Pompidou em Paris. Neto é um dos coordenadores do Dimenti - ambiente criativo que produz diversos projetos incluindo o festival IC - Interação e Conectividade. Mais infos no: www.netomachado.com

Renata Sperrhake é Graduada em Pedagogia pela UFRGS, Mestre e Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Participou de projetos de extensão na área de dança na escola e lecionou dança em escolas de educação infantil e em escolas de dança durante dez anos. Atualmente realiza pesquisas com foco nas avaliações em larga escala, especialmente nas avaliações da alfabetização de crianças, com referencial teórico foucaultiano. Recentemente foi aprovada em concurso para professor adjunto na área de Formação Pedagógica e Linguagem da Faculdade de Educação da UFRGS.

Wagner Ferraz é Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde/UFRGS. Mestre em Educação – PPGEDU/UFRGS – 2014. Pós-Graduado em Educação Especial (Lato sensu) - UNISINOS/2011. Pós-Graduado em Gestão Cultural (Lato sensu) - SENAC/2010. Graduado em Dança - ULBRA/2008. Aluno do curso de Pedagogia - UNINTER. Acadêmico da Licenciatura em Dança – UFRGS. Professor no Curso de Graduação Tecnológica em Dança (UCS) em 2015/02 e 2016/01. Professor no Curso de Pós-Graduação lato sensu de "Coordenação Pedagógica" – UFRGS/Escola de Gestores (2015 e 2016/01). Atou e atua como professor convidado em Instituições como UNISINOS e CAPACITAR. Atuou como Coordenador do Dança do Estado do RS do Instituto Estadual de Artes Cências (IEACEN) na Secretaria de Estado da Cultura RS (SEDAC) – 2011/2012. Foi Professor e Coordenador de Cursos Livres do INDEPin nas áreas de Cultura, Artes e Moda . Coordenador do Processo C3 e Editor do Periódico Eletrônico Informe C3. Já dirigiu, coreografou e atuou como bailarino em vários espetáculos, performances, festivais e mostras de dança sendo premiado várias vezes. Integrou o elenco da Cia Terpsí Teatro de Dança (2006/2007). Ministrou aulas e oficinas de dança no ensino comum e no ensino especial para pessoas com e sem deficiência. Coordenador dos Estudos do Corpo. Organizador do livro Parafernálias I: Diferença, Artes e Educação (2013). Autor do livro: Ditos e Malditos desejos da clausura, Processo de Criação da Terpsí Teatro de Dança (2011); Organizador do livro Estudos do Corpo: Encontros com Artes e Educação (2013). Autor do livro O Trabalho do Figurinista - Projeto, Pesquisa e Criação (2013). Participa dos seguintes grupos de pesquisa: DIF – artistagens, fabulações, variações Filosofia da diferença e educação; GRACE – Grupo de Estudos em Arte, Corpo e Educação; Formação de Professores de Matemática e Práticas Curriculares.



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-69802-05-1
9 788569 802051

O livro *Pequenices: Dança, Corpo e Educação* é resultante do projeto *Pequenices: Dança Contemporânea para Crianças*, que foi contemplado pelo *Prêmio Funarte Klauss Vianna de Dança 2014*. O projeto se constitui de ações tratando da dança contemporânea e infância. O livro vem a ser um registro das atividades e ao mesmo tempo um convite a crianças, pais, artistas e professores para se aventurar a experimentar a leitura, danças, brincadeiras e imagens, com o intuito de provocar o *criançar artistando o corpo*. Diversos nomes da dança, educação e estudos do corpo colaboram com o projeto e com livro, tudo isso pode ser visto nesta publicação.

Wagner Ferraz

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES funarte

MINISTÉRIO DA CULTURA

ORDEM E PROGRESSO BRASIL GOVERNO FEDERAL

Este projeto foi contemplado com o Prêmio Funarte de Dança Klauss Vianna 2014